

HOMEOPATIA: PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO SOBRE SIGNIFICADO, ACESSO, UTILIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO NO SUS

Homeopathy: Population' Perceptions on its Meanings, Access, Use and Implementation on SUS

Janaina de Sousa Dias¹, Angelita Cristine de Melo², Eduardo Sergio da Silva³

-
1. Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela UEMG, Fundação Hemominas- Prefeitura Municipal de Divinópolis.
 2. Doutora em Saúde Pública pela UFMG, Universidade Federal de São João Del-Rei.
 3. Pós-doutor em Ciência pela UFMG, Universidade Federal de São João del-Rei.

► **CONTATO:** Prof. Dr. Eduardo Sergio da Silva | Av. Sebastião Gonçalves Coelho, 400 | Chanadour | Divinópolis - MG | Brasil | CEP 35501-296 | Telefone: (37) 3221-1164 | Fax: (37) 3221-1614 | E-mail: silvaedu@ufsj.edu.br

Baseado em dissertação de mestrado intitulada: "Homeopatia no SUS Divinópolis: Tendência e Viabilidade". Apresentada na Fundação Educacional de Divinópolis – FUNED/UEMG. Divinópolis, 2007

Resumo

Em 1980, a homeopatia foi reconhecida como especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina, e, em 1986, após a 8ª Conferência Nacional de Saúde (CSN), foi introduzida como prática alternativa de assistência à saúde no âmbito dos serviços de saúde. Em 2004, foi criada a Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares (PNMNPC), publicação do Ministério da Saúde, que estabelece pontos importantes para a inserção destas práticas no sistema público de saúde. **OBJETIVOS:** verificar o conhecimento dos usuários do SUS sobre a homeopatia e o seu interesse pela implantação da prática em Divinópolis, MG. **MÉTODO:** Estudo qualitativo do tipo estudo de caso por meio de entrevista semi-estruturada. **RESULTADOS:** Prevalece na população pouco ou nenhum conhecimento sobre a homeopatia. No imaginário dos entrevistados constatou-se a confusão de homeopatia e tratamentos fitoterápicos caseiros; identificação de homeopatia como doença; a crença de inocuidade ao organismo dos medicamentos homeopáticos ou fitoterápicos e a relação de fé ou misticismo com os homeopáticos ou fitoterápicos. Apesar do pouco conhecimento, a maioria dos entrevistados considera importante a implantação do tratamento homeopático no SUS Divinópolis,

como uma alternativa de assistência. **CONCLUSÕES:** existe interesse na implantação da homeopatia no SUS Divinópolis. Recomenda-se aqui a realização de novos estudos que busquem maior amplitude de resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema Único de Saúde, Homeopatia, Políticas Públicas de Saúde, Terapias Complementares, Medicina Tradicional, Fitoterapia.

Abstract

In 1980, homeopathy had been recognized as a medical speciality by the Federal Council of Medicine, and, in 1896, after the 8th National Conference on Health (CSN), it was introduced as an alternative practice of health assistance in the scope of health services. In 2004, it was created the National Policy of Natural Medicine and Complementary Practices (PNMNPC), a publication of the Health Ministry, which establishes important points for the insertion of these practices in the public health system. **OBJECTIVES:** to verify the information that SUS users have on homeopathy and their interest on the implementation of this practice in Divinópolis, MG. **METHOD:** Qualitative research of the type "case study" was developed through semi-structured interviews. **RESULTS:** Prevails among the population, little or no information on homeopathy. In the imaginary of the interviewed participants, it was observed a confusion between homeopathy and homemade herbal treatments; the identification of homeopathy as a disease; the belief in the innocuously nature of homeopathic and phytotherapy to the organism and the relation of faith and mysticism with homeopathic and phytotherapy. In spite of the poor information, most part of the interviewed considers important to implement the homeopathic treatment on SUS Divinópolis as an alternative method of assistance. **CONCLUSIONS:** there is interest in the implementation of homeopathy on SUS Divinópolis. It is recommended here for further studies that seek greater range of results.

KEYWORDS: Unique Health System, Homeopathy, Public Health Policies, Complementary Therapies, Traditional Medicine, Phytotherapy.

Introdução

O envelhecimento populacional associado ao aumento da expectativa de vida das populações ocasionou o incremento das doenças crônico-degenerativas, assim como a elevação no consumo de medicamentos¹. O cuidado com a saúde, no mundo ocidental, é focado no uso de medicamentos alopáticos, atendimento e exames médicos acarretando gasto excessivo com saúde². Os onerosos custos com a saúde associados ao uso de medicamentos, tratamento dos seus efeitos

adversos, assim como a crescente especialização profissional e o avanço das tecnologias em saúde são fatores que estimulam a procura de outras formas de preservar a saúde e evitar doenças. Aliada a estes fatores, atualmente existe uma tendência ocidental pela busca do equilíbrio, harmonia e felicidade.

O panorama atual aponta para o crescimento no ocidente de práticas tradicionais no oriente, como a acupuntura, a fitoterapia e a homeopatia

que, apesar de receberem a denominação de “práticas alternativas”, encontram-se difundidas em vários segmentos da sociedade, inclusive nas universidades e no sistema público de saúde. As explicações para este crescimento são: eficácia, baixo custo dos tratamentos e menor incidência de efeitos adversos³. A homeopatia “é uma especialidade médica e farmacêutica que consiste em administrar, ao paciente, doses mínimas do medicamento para evitar intoxicações e estimular as reações orgânicas”. Os medicamentos utilizados são selecionados com base nos sintomas físicos e sensações internas (psíquicas, emocionais e comportamentais) do paciente⁴.

A homeopatia foi reconhecida como especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina em 1980. Após a 8ª Conferência Nacional de Saúde (CSN) em 1986, a homeopatia foi introduzida como prática alternativa de assistência à saúde no âmbito dos serviços de saúde. Em 2003, na 12ª Conferência Nacional de Saúde foi criada a *Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares* (PNMNPC), que, após revisões, foi publicada em 2006 como *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares* (PNPIC)⁵.

A proposta de sua inserção no SUS como prática de atenção integral à saúde, além da sua efetividade, segurança, confiança por parte do usuário^{6,7} e baixo custo, justifica-se haja vista filosofia em consonância à do SUS: uma visão integral do indivíduo (biopsicossocial); compreensão do processo saúde/doença como fruto de uma relação entre fatores externos e internos ao organismo; um conceito de cura proveniente de transformações internas do indivíduo, que leva a uma efetiva participação em todas as ações que promovem a saúde individual e coletiva⁸.

Apesar do benefício de implantação desta prática no SUS, muitos municípios brasileiros ainda não o fizeram. O controle social em prol da sua implantação ainda é incipiente, possivelmente devido ao desconhecimento dos usuários do SUS sobre o tema, justificando-se o desenvolvimento de estudo qualitativo que avalie o conhecimento dos

usuários do SUS Divinópolis - MG, frequentadores da Farmácia Municipal Central, sobre a homeopatia e o interesse deles pela implantação desta prática no SUS Divinópolis.

Método

Trata-se de estudo de caso com usuários do SUS maiores de 18 anos, escolhidos aleatoriamente, que estavam na Farmácia Central para a retirada de medicamentos. Os sujeitos foram entrevistados sobre o conhecimento sobre a homeopatia e o seu interesse pela implantação desta prática no SUS em Divinópolis, Minas Gerais.

A coleta foi realizada mediante a utilização do roteiro semiestruturado de entrevista. As questões iniciais do instrumento foram: “O Sr(a). já ouviu falar de homeopatia?; Se já ouviu, onde e como?; Qual a primeira coisa que lhe vem à cabeça quando se fala em homeopatia?; O Sr(a). sabe o que é a homeopatia?; Já se tratou com homeopatia alguma vez?; Para o Sr(a). a homeopatia é um tratamento natural?; Para o Sr(a). a homeopatia é um tratamento à base de plantas?; Para o Sr(a). a homeopatia cura qualquer tipo de doenças?; Se não, quais as doenças a homeopatia não cura?; Para o Sr(a). a homeopatia tem a ver com religião ou é preciso acreditar nela para se curar?; O Sr(a). conhece alguém que se trata ou se tratou com homeopatia?; O Sr(a). sabe o que esta pessoa achou da homeopatia?; O Sr(a). já ouviu falar sobre o uso da homeopatia no SUS?; Você acha que é importante a implantação da homeopatia do SUS na nossa cidade?; Você teria interesse em se tratar pela homeopatia caso ela fosse implantada no SUS Divinópolis?”.

As entrevistas foram realizadas na Farmácia Municipal Central, unidade pertencente ao SUS. Esta farmácia foi selecionada por estar localizada na região central do município, atender seis dos doze distritos sanitários existentes e realizar cerca de 140.000 atendimentos/ano, sendo por isso o local de distribuição de medicamentos com maior concentração de atendimentos e com maior heterogeneidade de frequentadores²⁵. A forma de registro desta entrevista aberta foi por meio da

gravação direta e, posteriormente, transcrição na íntegra⁹. A amostra foi determinada pelo método de saturação utilizando-se como referencial teórico Fontanella, Ricas e Turano¹⁰, observada pela repetição de elementos (palavras, expressões ou ideias comuns) e pela ausência de novos elementos. Após a constatação da saturação teórica, foram realizadas mais algumas entrevistas para confirmar a repetição.

A análise das entrevistas ocorreu segundo Bardin¹¹ e iniciou-se pela determinação da existência de palavras-chave que foram agrupadas conforme os temas centrais comuns e finalmente determinadas as categorias de análise. Esta metodologia enfatiza a compreensão do fenômeno tal como ele emerge dos dados e não de conceitos ou teorias do pesquisador¹².

Este estudo ocorreu em concordância à Resolução CNS 196/96, sendo autorizado pela Secretaria Municipal de Saúde de Divinópolis e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital São João de Deus – Fundação Geraldo Corrêa, sob o número 27/2007.

Resultados e discussão

Dos 50 entrevistados, 74% eram do sexo feminino (n= 37), 68% casados (n= 34), a maioria encontrava-se entre 31 e 50 anos (62%, n= 31) e com baixa instrução até primeiro grau completo (40% n= 20) ou incompleto (26% n= 13). A religião majoritariamente citada foi a católica (82%, n= 41), sendo relatadas também a Espírita Kardecista e Evangélica. As entrevistas foram conduzidas para um total de 38 indivíduos que relataram “já terem ouvido falar da homeopatia”. Ao término, 12 entrevistas foram interrompidas na primeira pergunta “O Sr(a). já ouviu falar de homeopatia?”, pois os entrevistados responderam que não sabiam o que era homeopatia. Os sujeitos receberam rápida explicação sobre a homeopatia e foram dispensados.

Quanto à fonte de informação/educação sobre homeopatia, os entrevistados mencionaram, algumas vezes, mais de uma fonte, contudo os meios de comunicação de massa (televisão, rádio,

jornais e folhetos de propaganda) responderam pela maioria absoluta com 51,5% (n= 35), seguidos de “conhecidos leigos” (amigos, parentes, vizinhos) com 25,0% (n= 17), médicos (dentre estes, médicos homeopatas vinculados ao SUS através de outras especialidades) com 11,8% (n=8) e outras fontes (livros, terapeuta natural) com 11,8% (n= 8) cada. Um total de 3 entrevistados não souberam relatar a fonte de informação. Resultados similares foram encontrados em outros estudos^{7,13} para os meios de informação. Os mais citados, nestes estudos, foram os parentes e conhecidos, seguidos da televisão e outros meios de comunicação social.

A análise das entrevistas demonstrou a existência das seguintes palavras-chave, entre outras: “doença”; “tratamento”; “natural”; “remédio à base de plantas/ervas/raízes”; “fazem menos mal que os medicamentos químicos”; “se não fizer bem, mal também não faz”; “medicamento fraco”; “medicamento mais forte”; “Conheço muito”; “Não conheço”; “Não agride o organismo”; “Depende de fé”; “Tem que acreditar”; “Questão de crença”; “Já usei/tratei”; “Nunca usei/tratei”; “Problema nervoso/emocional”; “Doenças incuráveis”; “AIDS, Câncer”; “Já ouvi falar no SUS”; “Nunca ouvi falar no SUS”; “Coisa mais séria”; “Mais barato”; “Mais acessível”; “Mais alternativas/opções”; “Usaria”; “Não usaria”; “Bom resultado”; “Resultado igual ao tradicional/convencional/químicos”.

As palavras-chave foram agrupadas conforme os temas centrais comuns: “Doença”, “tratamento natural”; “Tratamento ou remédio à base de plantas”; “Fazem menos mal que os medicamentos químicos”; “Medicamento fraco”; “Trata de dentro para fora”; “Medicamento diluído”; “Usou tratamento homeopático”; “Produtos ou ervas naturais”; “Trata qualquer doença”; “Depende da crença ou da fé”; “Já ouviu falar em tratamento homeopático pelo SUS”; “Acha importante ter o tratamento homeopático pelo SUS na cidade”; “Utilizaria o tratamento homeopático”.

A próxima etapa foi a determinação das categorias de análise, entre as quais emergiram as seguintes: “Conhecimento sobre a homeopatia”; “Homeopatia, fitoterapia e tratamento natural”;

“Efetividade da homeopatia no tratamento das doenças”; “Misticismo, religiosidade e homeopatia”; “Acesso ao tratamento homeopático e SUS”.

Conhecimento sobre a homeopatia

A maioria demonstrou algum conhecimento, contudo superficial, sobre o tema. Há o imaginário de que a homeopatia é um tratamento menos danoso ao organismo. Foram relatos “tratamento natural” e “medicamento fraco”. “Fazem menos mal que os medicamentos químicos” ou mesmo “Se não fizer bem, mal também não faz”. Apesar do reconhecimento da homeopatia como especialidade médica, da sua aplicação bicentenária com pressupostos científicos estabelecidos e da existência de projetos de pesquisa nas áreas básica e clínica, a desinformação sobre os aspectos fundamentais da homeopatia gera conceitos distorcidos que vão sendo incorporados à cultura brasileira¹⁴.

Dos 50 usuários entrevistados, apenas 3 demonstraram um conhecimento maior sobre a homeopatia. Estes usuários são do sexo feminino e uma delas possui curso superior completo. Uma das usuárias já se tratou várias vezes com homeopatia, mas no momento não está tratando, por motivos financeiros. Outra está em tratamento homeopático, através do SUS, com um neurologista. Os relatos das usuárias foram: “A homeopatia trata de fora para dentro, com o quadro geral da pessoa. Procura conhecer o organismo da pessoa para indicar o medicamento”. (32) “É um tratamento mais natural. Faz com que o que a gente tem aflora para ser curado. Traz para fora e cura ao mesmo tempo.” (22) “Sei que são medicamentos muito diluídos.” (19)

Alguns usuários demonstraram não possuir nenhum conhecimento, desconhecendo a própria palavra ou confundindo-a com nome de alguma doença: “Conheço. É uma doença muito triste, né?”. (40)

Os achados sobre o conhecimento é consistente ao de outros estudos, sendo apontado por estes como: superficial, imaginário distorcido

muitas vezes associado aos fitoterápicos ou aos produtos naturais e à percepção de menor potencialidade de lesar o organismo^{7,13,15,16}. Neste estudo, chamou a atenção o fato de seis pacientes terem citados médicos homeopatas do município de Divinópolis vinculados ao SUS através de outras especialidades, e que prescrevem medicamentos homeopáticos para alguns de seus pacientes. Destes seis pacientes, dois são usuários da homeopatia por indicação destes médicos.

Homeopatia, fitoterapia e tratamento natural

Há distinção técnica entre homeopatia e fitoterapia. A homeopatia é definida como um sistema médico complexo de caráter holístico, baseada no princípio vitalista e no uso da lei dos semelhantes⁵. Já a fitoterapia, fundamentada na alopatia, é uma terapêutica caracterizada pelo uso de plantas medicinais e suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de substâncias ativas isoladas, ainda que de origem vegetal⁵.

Apesar da distinção entre as duas terapias, a maioria (74%) dos entrevistados as confundiu. Apenas um entrevistado respondeu que os medicamentos homeopáticos podem ser derivados de outras substâncias, por exemplo, animais. Ocorreram relatos como “*Tratamento ou remédio à base de plantas*”, “*São remédios naturais, produtos naturais, né? Uso, mas geralmente eu que faço em casa.*” (5) “*São ervas medicinais. Eu, por exemplo, faço chá de melissa, de erva cidreira lá em casa.*” (14) Resultados similares foram encontrados por Micali¹³, que cita que “as imagens sobre a homeopatia são múltiplas e, na maioria dos casos, distorcidas, com predominância de associação à ideia de produto natural ou a fitoterápicos”. Novaes⁷ observou que os entrevistados possuíam pouco conhecimento sobre a homeopatia e muitas vezes a confundiam com a fitoterapia. Monteiro e Iriart¹⁵ atribuem esta noção equivocada ao fato da homeopatia, no passado, ter sido indicada pelos médiuns nos terreiros de umbanda, juntamente com os banhos, ervas e beberagens.

A homeopatia foi considerada um **tratamento natural** pela maioria dos entrevistados (72%, n= 36). As práticas de medicina natural são aquelas que envolvem “abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de promoção e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade”⁵. Neste contexto, a Homeopatia é uma prática de medicina natural, contudo este entendimento é diverso do relato dos usuários. A caracterização de “natural” pelos entrevistados estava vinculada à origem dos medicamentos, ou seja, **plantas** e associada ao inconsciente coletivo de menor potencialidade para provocar efeitos adversos em relação aos medicamentos alopáticos. Alguns relatos mostram essa ideia: “Sim, são remédios de plantas, produtos naturais, né?” (42). “*Acho que é tudo natural, pelo menos é o que eles falam.*” (17) “*Sim, é natural, faz menos mal que os químicos.*” (16)

Outros estudos^{7,15} encontraram resultados semelhantes, apontando a noção de natural com o que é produzido pela natureza, assim como a representação social do medicamento homeopático como natural e não prejudicial à saúde. Vários autores consideram que muitos fatores influenciam o uso de medicamentos, por exemplo, a forma como a população compreende e conceitua as doenças e os tratamentos e as diversas formas de propagandas utilizadas pela indústria farmacêutica, dirigidas aos profissionais de saúde e ao público leigo. O estímulo ao uso de medicamentos fitoterápicos e outras terapias complementares muitas vezes é reforçado pelo mito de que “se é natural, não faz mal”, muitas vezes implícito ou explícito nas publicidades e bulas destes produtos^{17,18,19}. Os conteúdos informativos das publicidades de medicamentos, na maioria das vezes, mostram pouca preocupação com a educação para o consumo, omitindo informações importantes e de maior utilidade para a saúde pública²⁰.

Dois usuários verbalizaram o entendimento da homeopatia como um tratamento cuja origem não é natural, contudo, não souberam justificar efetivamente o porquê desta consideração. “*Não,*

acho que seria uma coisa mais séria, né?” (1) “Se é mais natural que o outro (alopático)? Talvez seja a mesma coisa, né? A gente não sabe. Tem muito remédio comum aí que é feito de planta, né?” (2)

Efetividade da Homeopatia no tratamento das doenças

Prevaleceu o entendimento que a homeopatia não trata todas as doenças (38%, n= 19), e 8% dos entrevistados não souberam opinar. Foi consenso a AIDS e câncer como doenças que não são possíveis de serem tratadas com a homeopatia, de forma similar ao encontrado por outros autores^{13,7,15}. Foram citados também o reumatismo, diabetes, hipotireoidismo e hipertensão, apesar de existirem relatos clínicos de tratamento homeopático para estas doenças⁶.

Uma proporção significativa dos entrevistados (30%, n= 15) informou que a homeopatia trata qualquer tipo de doenças. Alguns destes entrevistados são usuários da homeopatia, mas a maioria possui pouco conhecimento sobre a prática. Os trechos abaixo representam as falas destes usuários: “*Se tivesse uma divulgação, as pessoas passavam a conhecer, a confiar – e usavam antes e não adoeceriam.*” (16) “*É, uma vez tive uma infecção, tratei com homeopatia e curou sem precisar de antibiótico.*” (22)

A ligação entre crença ou fé e efetividade no tratamento das doenças, presente em nossa cultura, está baseada nas observações de que os efeitos dos medicamentos, muitas vezes, não dependem unicamente das propriedades farmacológicas. Helman²¹ destaca que fatores como personalidade, cultura, ambiente, características físicas do medicamento e mesmo as características do prescritor podem aumentar ou reduzir este efeito e salienta que “o próprio jaleco branco usado por um médico em um contexto de cura pode ser visto como um símbolo ritual”, demonstrando ciência e confiabilidade.

Com relação à fé e à crença, dos 50 entrevistados, 19 (38%) responderam que a crença e a fé são necessárias para a cura tanto

no tratamento homeopático quanto no alopático. No estudo realizado por Novaes⁷, os entrevistados também apontaram a fé como fator importante para a cura em qualquer processo terapêutico. Esta observação é visivelmente presente em alguns relatos: *“Conheço pessoas que fazem tratamento com isso, mas comigo não funciona porque eu tenho um estado nervoso abalado, tem que ser um medicamento mais forte.”* (7) *“É uma questão de crença, qualquer tratamento. A mente comanda o organismo.”*(32) *“Tratamento tem que acreditar, qualquer um.”*(24)

Dos 50 entrevistados, doze responderam (24%) que a cura por meio da homeopatia não depende de crença, fé ou religião. Destes doze, quatro são usuários do tratamento homeopático. Dos 50 entrevistados, sete (14%) não souberam responder esta questão.

Misticismo, religiosidade e homeopatia

A homeopatia também esteve associada ao misticismo e religiosidade. *“Já ouvi falar que fazem alguma coisa de animais. Já ouvi falar que tem um negócio na homeopatia que faz com gato preto. O jeito que é eu não sei.”* (2) Relatos apontam uma aproximação entre os praticantes do espiritismo kardecista e da homeopatia, especialmente entre os médicos homeopatas, no final do século XIX. Paralelamente, nessa época, médiuns e homeopatas leigos, ligados à umbanda, receitavam as “gotinhas homeopáticas”, contribuindo para a disseminação da prática no meio urbano e rural. A falta de espaço nas instituições médicas públicas e a associação com o espiritismo e o umbandismo contribuíram para que, até hoje, a homeopatia ainda seja considerada por muitos uma forma de medicina religiosa ou mística.^{15,22}

Acesso ao tratamento homeopático e SUS

De acordo com o relatório do 1º Fórum Nacional sobre Homeopatia no SUS⁸, “a homeopatia tem como princípio uma abordagem de atenção e cuidado integrais à saúde dos indivíduos. Desse ponto de vista, pode e deve ser inserida em todos

os níveis de atenção do sistema, devendo constituir-se em política de Estado.”

Apenas 20% dos entrevistados (n=10) já ouviram falar sobre o uso da homeopatia no SUS. O relato de tratamento homeopático prévio ocorreu em 10% (n= 5). Pode-se perceber uma utilização muito limitada do tratamento. Dois destes usuários informaram ter recebido o tratamento homeopático através de prescrição médica, dois relataram ter recebido indicação de medicamentos homeopáticos industrializados em farmácia e um relatou ter recebido a indicação de um terapeuta natural. *“Eu não podia sair de casa sem ela (bombinha)... Depois desses (homeopatia), mudou, aliviou. Dois vidrinhos – não dava pra sair de casa. Agora eu saio.”* (2) *“Já fiz três tratamentos, antidepressivo e problemas musculares, com um médico.”*(32) *“Sim...um amigo homeopata...prático.”* (23) *“Já, compro na farmácia da...(marca).”* (34)

O acesso aos serviços de saúde pode ser sistematizado segundo as seguintes dimensões: acessibilidade geográfica, econômica, cultural e funcional, relacionadas respectivamente à distância e às possibilidades do serviço, ao custo financeiro do serviço e seu alcance para a população e para o sistema adotado no país, à adequação do serviço aos conhecimentos, hábitos e costumes da população e à disponibilidade contínua do serviço para a população²³.

Foram postuladas algumas explicações para o acesso limitado ao tratamento homeopático. O baixo nível de escolaridade e desconhecimento da homeopatia como forma de tratamento médico reconhecido, com métodos e pressupostos técnicos e científicos estabelecidos, e crença na homeopatia ou fitoterapia como um tratamento fraco, presente nas falas de alguns usuários são algumas destas explicações. Outra explicação pertinente pode ser a baixa renda familiar e per capita dos entrevistados, considerada um fator limitante por não existir, no município, tratamento homeopático pelo SUS. Apesar de existirem normatizações específicas para a aplicação desta prática no SUS, como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares⁵ (PNPIC, 2006) e de muitas

idades brasileiras já oferecerem este serviço, as práticas complementares ainda carecem de divulgação entre a população, principalmente entre as classes de menor poder aquisitivo. Outros estudos²⁵ revelam a busca de tratamentos de baixo custo ou que “não façam mal” entre populações de baixa renda e baixo nível de escolaridade.

Muitos dos entrevistados disseram já ter se tratado com a homeopatia, mas, ao longo da entrevista, foi possível perceber que estavam se referindo a tratamentos fitoterápicos caseiros e não homeopáticos. Este achado pode ser confirmado pelos relatos de alguns destes usuários: “Já usei, com indicação de outras pessoas e com receitas de um livro de plantas que eu comprei.” (24) “Sim, de vez em quando eu faço uns chás lá em casa.” (29) “Sim, mas eu faço em casa.” (5) “Faço, por exemplo, chá da casca do jatobá.” (14)

Os entrevistados que são usuários da homeopatia disseram conhecer outras pessoas que também fazem tratamento homeopático. Esses entrevistados responderam que seus conhecidos ficaram satisfeitos com o tratamento homeopático. Dentre estes relatos, três foram destacados abaixo: “Muito bom, já conversei, inclusive, com pessoas aqui na farmácia que acham uma pena não ter tratamento homeopático pelo SUS.” (32) “Gostam muito. Eu até chamo de gotinha milagrosa.” (22) “O Neto já tratou. Tratou com outros e não deu resultado. E esse é bom, né. Ele trata de asma até hoje.”(2)

Apesar da baixa utilização da homeopatia, a maioria dos entrevistados declarou achar importante a implantação da homeopatia no SUS e demonstrou interesse em conhecer e até mesmo se tratar pela homeopatia, caso esta fosse implantada em Divinópolis. Esta importância foi justificada por vários motivos como necessidade de mais alternativas no SUS, menor custo dos medicamentos, maior acessibilidade para toda a população e existência de demanda não atendida. Neste ponto da entrevista, foram observados vários depoimentos importantes para o estudo. “Sim, porque ficava mais barato para a prefeitura. É mais barato e o resultado é idêntico ao tradicional.” (9) “Sim, o SUS deveria

fornecer todas as alternativas.” (50) “Acho que sim, pra tentar dar resultado, né. Porque o pessoal tá entrando muito no medicamento (...), que vai resolver as coisas, e não é.” (7) “Além de ser mais barato, favorecer as coisas, pra sobrar dinheiro.” (2) “Muito, ainda mais que os medicamentos são mais baratos, é um preço que a gente pode pagar.” (22) “Sim, pra ser mais acessível para todas as pessoas.” (37). Dois usuários declararam não ter interesse em se tratar pela homeopatia, devido ao fato de não acreditarem na eficácia do tratamento homeopático ou de qualquer outro tratamento não convencional.

Algumas limitações devem ser consideradas quando se analisam dados qualitativos. Apesar de gerarem um quadro rico de informações, as medidas encontradas possuem certa subjetividade e os resultados estão relacionados às características do tempo, espaço e população analisada, não podendo ser generalizados. Neste estudo tais limitações não se tornaram impedimento para validação do método e das conclusões aqui formuladas.

Considerações Finais

A maioria dos usuários apresenta pouco ou nenhum conhecimento sobre a homeopatia. Foi possível perceber ideias errôneas como a confusão com os tratamentos fitoterápicos caseiros, a definição da homeopatia como uma doença, a crença nos medicamentos homeopáticos ou fitoterápicos como inócuos ao organismo e a relação entre medicamentos homeopáticos ou fitoterápicos com a fé, e até mesmo com o misticismo.

Notou-se que a maioria dos usuários desconhece a existência de práticas complementares no SUS, mas considera importante a implantação do tratamento homeopático no SUS Divinópolis, como uma alternativa de assistência. Poucos usuários têm ou tiveram acesso ao tratamento homeopático, fato possivelmente relacionado ao pouco conhecimento dos usuários, a crenças, e à baixa renda familiar encontrada no estudo. Foram citados vários motivos para justificar a importância, dentre eles a necessidade de mais alternativas, eficácia do tratamento, o baixo custo para o serviço público de

saúde e principalmente a existência de demanda não atendida. A maioria dos usuários declarou que utilizaria o serviço caso este fosse oferecido.

Recomenda-se aqui a realização de novos estudos que busquem maior amplitude de resultados, talvez com enfoques quantitativos, explorando profundamente dados levantados neste estudo, como custo dos tratamentos e a existência de demanda não atendida.

Referências

1. Otero MJ, Domínguez-Gil A. Acontecimientos adversos por medicamentos: una patología emergente. *Farm. Hosp.* 2000; 24(3) 258-66.
2. Latouche S. A ocidentalização como desenraizamento planetário. In: Latouche, S. A ocidentalização do mundo: ensaios sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária. Petrópolis: Vozes; 1994. p. 63-81.
3. Cerqueira NF. Medicina no ocidente e na China: uma abordagem filosófica [Internet]. Botucatu: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootécnica da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"; 2004 [acessado 2005 jul 1]. Disponível em: <http://www.abravet.com.br>
4. Fontes OL. Farmácia homeopática: Teoria e Prática. 1a ed. São Paulo: Editora Manoele; 2001. 231 p.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria n. 971 de 03 de maio de 2006. Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares. Brasília; 2006.
6. Soares IA, Gonçalves CG, Santos CP. Programa de Atendimento em Homeopatia da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte. Belo Horizonte (MG): Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; 2001. Relatório.
7. Novais TC. Percepções do paciente usuário dos serviços homeopáticos do Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte: estudo de caso no Centro de Saúde Santa Terezinha [Dissertação]. [Belo Horizonte (MG)]: Universidade Federal de Minas Gerais; 2003. 160 p.
8. Ministério da Saúde. A homeopatia que queremos implantar no SUS. Relatório do 1º Fórum Nacional de Homeopatia; 2004 maio 12-14, Brasília, DF. Brasília: Editora MS; 2004. [acessado 2007 dez. 18]. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/editora>
9. Nogueira-Martins MCF, Bógus CM. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde soc.* 2004 set-dez.; 13(3): 44-57
10. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública.* 2008 jan.; 24 (1): 17-27
11. Bardin L. Análise de conteúdo. 1a ed. Lisboa: Edições 70; 1979. 288 p.
12. Peluso E de TP, Baruzzi M, Blay SL. Experiência de usuários em psicoterapia de grupo. *Rev Saúde Pública.* 2001; 35(4): 341-8
13. Micali IA, Salume S, Machado VLT. Imagens da homeopatia na comunidade de Vitória-ES. *Rev. Homeopatia (São Paulo).* 1995; 60(3/4): 27-33.
14. Zulian MT. Homeopatia: desinformação e preconceito no ensino médico. *Rev Bras Edu Med.* 2007 jan/abr.; 31(1): 15-20 .
15. Monteiro DA, Iriart AB. Homeopatia no Sistema Único de Saúde no Brasil: representações dos usuários do tratamento homeopático. *Cad Saúde Públ.* 2007 ago.; 23(8): 1903-12.
16. Carvalho MPSL, Mansur Y. Avaliação dos conhecimentos em homeopatia dos usuários de três serviços de saúde pública. *Rev. Homeopatia (AMBH).* 1998 out.:(2): 69-86.
17. Pizol FD, Silva T, Schenkel EP. Análise da adequação das propagandas de medicamentos dirigidas à categoria médica distribuídas no sul do Brasil. *Cad Saúde Públ.* 1998 jan/mar.; 14(1):85-91.
18. Resener MC, Schenkel EP, Simões CO. Análise das propagandas de medicamentos fitoterápicos comercializados em Santa Catarina. *Comsaúde* 2003: Procedimentos da 6ª Conferência Brasileira

- de Comunicação e Saúde; 2003 out. 1-3; Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo: 2003 [acessado 2011 jun. 27]. Disponível em: <http://www.encepecom.metodista.br>
19. Buchaul, RB. Se é natural, não faz mal. Será? Fitovisa.com [Internet]. 2010. [acessado em 2011 jun. 27]. Disponível em: <http://www.fitovisa.com/artigos/art.12.senatur.pdf>
20. Lage EA, Freitas MIF, Acúrcio FA. Informação sobre medicamentos na imprensa: uma contribuição para o uso irracional? Rev C S Col. 2005 jan/mar.; 10(1): 133-9.
21. Helman CG. Cultura, Saúde e Doença. 5° Ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.
22. Luz MT. A arte de curar versus a ciência das doenças: a história social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis Editorial;1996. 342 p.
23. GuerraAAJ, Acúrcio FA. Acesso aos medicamentos no Brasil. In: Acúrcio FA (org). Medicamentos e assistência farmacêutica. Belo Horizonte: Editora COOPEMED; 2003. p. 113-23.
24. Beininger RPC, Amous AH, Santos AS. Plantas medicinais de uso caseiro – Conhecimento popular e interesse no cultivo comunitário. Espaço. Saúde [internet]. 2005 jun [acessado em 2011 jul. 11]; 6(1): 1-6. Disponível em: <http://www.ccs.uel.br/espacoparasaude>.
25. Secretaria Municipal de Saúde (Divinópolis, MG). Produção das farmácias [correspondência eletrônica via internet]. Mensagem para: J. Dias. 2011 jun. 06 [acessado 2011 jun. 06]. [anexo]